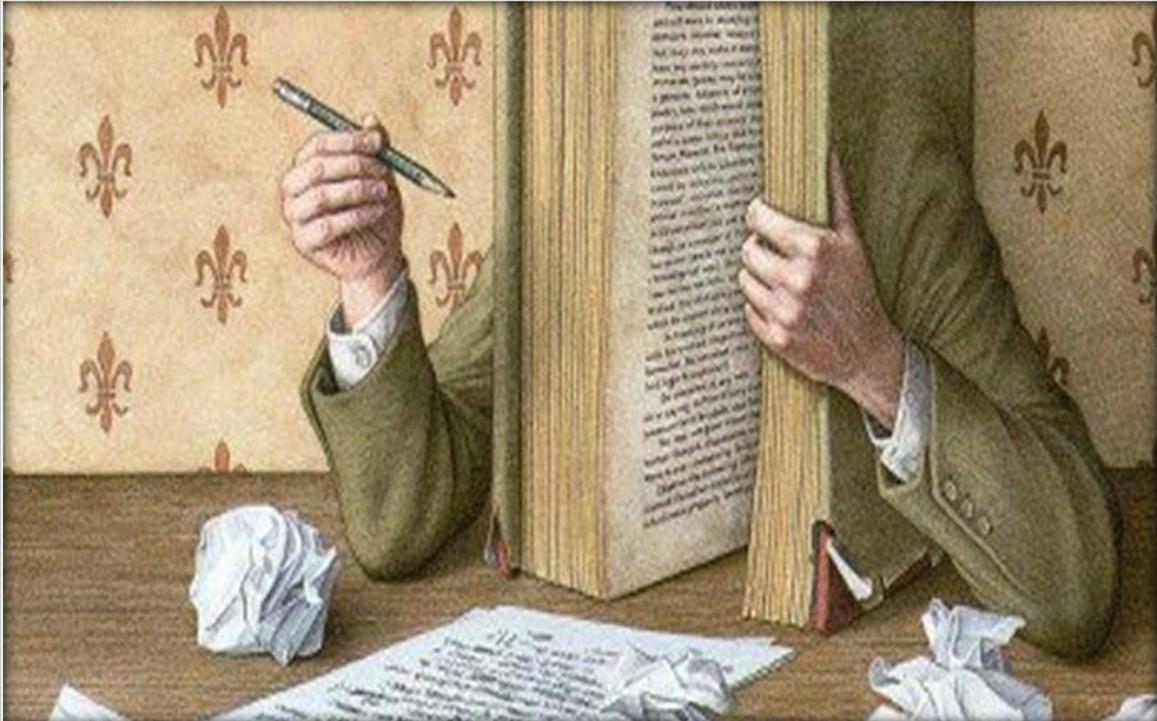


PORTUGUÊS INSTRUMENTAL

MODOS DE ORGANIZAÇÃO DISCURSIVA



Maria Cecília Fontainha de Almeida Gama

Ilda Cecília Moreira da Silva

FUNDAÇÃO OSWALDO ARANHA
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE VOLTA REDONDA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO EM CIÊNCIAS DA SAÚDE
E DO MEIO AMBIENTE

APOSTILA DE PORTUGUÊS INSTRUMENTAL
MODOS DE ORGANIZAÇÃO DISCURSIVA

Maria Cecília Fontainha de Almeida Gama¹
Ilda Cecília Moreira da Silva²

¹Especialista em Formação de Docentes para o Ensino Superior (UniFOA)

¹Especialista em Língua Portuguesa (UBM)

¹Professora de Língua Portuguesa e suas Literaturas (UGB)

²Dr^a em Enfermagem – Escola de Enfermagem Anna Nery (UFRJ)

²Livre docente em Administração em Enfermagem (UNIRIO)

²Coordenadora do Curso de Enfermagem (UniFOA)

SUMÁRIO

Apresentação	p. 4
Módulo I - O texto suas qualidades e defeitos	p. 5
Referências bibliográficas do módulo I	p. 14
Módulo II - Coerência e coesão	p. 15
Referências bibliográficas do módulo II	p. 23
Módulo III - Descrição e narração	p. 24
Referências bibliográficas do módulo III	p. 36
Módulo IV - Dissertação e o parágrafo	p. 37
Referências bibliográficas do módulo IV	p. 51
Gabarito dos exercícios	p. 51

Apresentação

Esta apostila é o produto do trabalho de Dissertação de Mestrado apresentado ao Programa de Pós-graduação Mestrado Profissional em Ensino em Ciências da Saúde e do Meio Ambiente do UniFOA e tem como motivação a prática docente no Grupo de Estudos de Sistematização da Prática de Enfermagem - GESPEnf - da Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação, e do Escritório da Cidadania - NPJ - Núcleo de Práticas Jurídicas, ambos do UniFOA, com a apresentação do Workshop de Português Instrumental “Textos e Contextos” nesta instituição; assim como experiência docente em outros centros universitários e escolas da região Sul Fluminense.

Embasada nos estudos do professor Agostinho Dias Carneiro e na teoria dos gêneros de Mikhail Bakhtin almeja-se que esta apostila possa constituir um instrumento na utilização diária e acadêmica da palavra falada e escrita, tanto para docentes quanto para discentes.

O caminho escolhido para tornar significativos os conteúdos foi o de subordinar seu estudo ao estudo do texto, neste trabalho de dissertação apresentado como competência da palavra escrita e os seus modos de organização discursiva.

Segundo a teoria do dialogismo postulada por Bakhtin, os gêneros são possibilidades combinatórias entre diferentes esferas de usos da linguagem.

E o professor Agostinho Dias Carneiro enfatiza que para se ler o mundo, o texto é um instrumento, é como se fosse o interruptor, pois a lâmpada, cada um tem a sua.

O homem continua no centro, porém os elementos com os quais ele interage, por meio da linguagem, procedem dos infinitos pontos do cosmo.

MÓDULO I

O TEXTO SUAS QUALIDADES E DEFEITOS

Vamos conversar sobre a **tessitura do texto** e explorar sobre o significado do que é **tecer um texto** e os diferentes conhecimentos que são mobilizados para essa atividade. Nesse funcionamento da linguagem interagimos com um destinatário que é nosso interlocutor, tornando-nos coautores do texto, ao produzir sentidos em sua leitura.

 **Tessitura:** organização dos enunciados na elaboração de um texto.

Texto e **tecido** têm a mesma origem. Tecer um **tecido** e tecer um **texto** pode representar o mesmo **processo**: tecer os fios que os compõem. É um processo que envolve o **autor** e o **leitor** com suas linhas - **palavras/enunciados** sócio-historicamente constituídas.

Ao construir um **texto**, o escritor faz uso de diferentes conhecimentos, procurando interagir com outros indivíduos em determinados contextos sociais. Por sua vez, os indivíduos são seres que não vivem isolados. Ao contrário, cada indivíduo é um agente social inserido numa rede de relações que acontecem em lugares específicos em uma sociedade cultural.

 **Contexto:** contexto pode ser entendido como o conjunto de elementos que influenciam na significação dos enunciados. Os contextos são múltiplos: sociais, históricos entre outros.

Cada instituição tem suas práticas, seus valores, seus significados, proibições e permissões que exercem influência direta sobre os indivíduos que convivem em diferentes grupos sociais e que se articulam por meio da **linguagem**.

A **linguagem** funciona, pois, como um potencial de opções e possibilidades de interação social, que formam a base a partir da qual os indivíduos produzem os seus **textos**, fios que se unem na composição de um texto.

Como se dá o processo de **construção de um texto**?

■ **Texto:** a palavra texto vem do latim *textus, us* que significa: “tecer, fazer tecido, entrelaçar, entrançar; construir sobrepondo ou entrelaçando, compor ou organizar o pensamento nas modalidades escrita e oral”.

Sempre que alguém escreve, há uma expectativa de que **o texto** produzido espelhe as maneiras de falar ou escrever das diferentes instituições que regulam a comunidade onde o **indivíduo** está inserido.

Espera-se, portanto, que **todos os textos** tenham formas, funções e conteúdos específicos, que necessariamente estejam imbricados com **os discursos**.

Que são, então, **texto** e **discurso**?

Etimologicamente, **texto** significa tecido.

Do ponto de vista linguístico, **texto** é “[...] Qualquer passagem falada ou escrita, que forma um todo significado, independente de sua extensão” (FÁVERO E KOCK, 1983)

■ **Etimologia:** ciência que investiga a origem, **étimo**, das palavras procurando determinar as causas e circunstâncias de seu processo evolutivo.

Garcez (2002) conceitua texto como... “uma unidade linguística, um exemplar concreto e único, o produto material de uma ação verbal, que se caracteriza por uma organização de elementos ligados entre si, segundo regras coesivas que asseguram a transmissão de uma mensagem de forma coerente.”

Mas para a realização do texto é preciso que esse “todo significativo” seja produzido num espaço e num tempo determinados.

O texto é “um evento dialógico, de interação entre sujeitos sociais, contemporâneos ou não, copresentes ou não, do mesmo grupo social ou não, mas em diálogo constante”. (KOCK, 2003).

O texto pode ser entendido, ainda, em seu sentido amplo como o resultado da história sociocultural do escritor e do leitor, considerando-o como um processo que se efetiva sócio-histórico e culturalmente.

Convivemos, portanto, com uma **diversidade de textos verbais e não verbais**, como uma foto, uma pintura, uma escultura, um filme, uma dança, entre outros.

Neste sentido, o **texto** não é um amontoado de palavras. Mas sim, um **fenômeno linguístico**, complexo, que se inscreve num contexto social, ideológico e dialógico, perpassando pelos **enunciados** de um autor e por todos os outros enunciados que o compõe, formando um “**tecido**”, advindo dos fios dialógico/ideológico.

Com base nessa perspectiva, destacamos que: “na composição de quase todo enunciado do homem social – desde a curta réplica do diálogo familiar até as grandes obras verbal-ideológicas (literárias, científicas e outras) existe, numa forma aberta ou velada, uma parte considerável de palavras significativas de outrem, transmitidas por outro processo”. (BAKHTIN, 2010).

Compor um **texto** significa, assim, a realização de **enunciados concretos** numa dada esfera da **comunicação humana**.

E sendo assim, consiste o ponto central na constituição dos **textos**, pois quando produzimos **linguagem** (oral ou escrita) estamos produzindo **enunciados concretos**, formatados em **gêneros**.

 **Enunciado:** um enunciado é a unidade real da comunicação verbal. Para Bakhtin (2010) “a fala só existe, na realidade, na forma concreta dos enunciados de um indivíduo”.

Há um caminho de mão dupla interligando o trabalho de tecer e o trabalho da produção textual. Com fios nas mãos, confeccionamos tramas e bordados.

Com a palavra oral e/ou escrita enredamos uma trama narrativa e contamos histórias. **Fios e palavras** são pequenas partes, que pelo gesto da repetição, constitui um todo que envolve e encanta.

Exercício recomendado: Mito de Penélope

Na mitologia grega, Penélope, mulher de Ulisses e mãe de Telêmaco, considerada exemplo de mulher virtuosa, manteve-se fiel ao marido enquanto ele lutava na guerra de Tróia, apesar de pressionada por pretendentes para voltar a casar-se. No intuito de ganhar tempo, prometeu que escolheria alguém quando acabasse de tecer uma túnica para o sogro, mas todas as noites desfazia o trabalho do dia. Ao ser descoberta, concordou em entregar-se a quem conseguisse dobrar o poderoso arco de Ulisses, que só ele conseguia vergar. Quando a tarefa foi executada, Penélope compreendeu que o marido havia regressado disfarçado.

Questão: qual a importância do desfazer para a tessitura?

Os **textos/enunciados** que produzimos são perpassados por outros **enunciados** que precederam, formando uma cadeia muito complexa de tantos outros enunciados/discursos produzidos num tempo social e histórico. São manifestações que articuladas, por meio **da linguagem**, veiculam valores, integram pontos de vista, avaliações, acentos e significados de um grupo social.

Os **enunciados** formam a **cadeia discursiva**, pois “o discurso nasce no diálogo como sua réplica viva, forma-se na mútua-orientação dialógica do discurso de outrem no interior do objeto”.(BAKHTIN, 2010).

Nessa relação **dialógica**, o sujeito constitui seu discurso, uma resposta a outros discursos já ditos e não ditos, seja numa situação imediata, seja num contexto mais amplo.

A **palavra/enunciado** é o signo ideológico por natureza de toda elaboração discursiva e nela subjaz uma formação ideológica. **Não existem discursos neutros**. Todo discurso é orientado para uma resposta, que refuta, pergunta, discorda, concorda, por que “a linguagem é grandemente pluridiscursiva”. (BAKHTIN, 2010).

O discurso é uma atividade do sujeito, de natureza sócio-histórica, que não se dá apenas em relação ao aparelho formal da **enunciação**, mas em relação aos

outros (discursos históricos) e a situação social. É nesta atividade que o sujeito se constitui enquanto tal e exatamente por esta atividade.

■ **Enunciação:** é o processo de transformação da língua em discurso; processo que supõe a interação entre o sujeito falante, o locutor e aquele a quem se dirige o discurso, o alocutário.

Diz Bakhtin (2010): E toda a minha vida consiste em conduzir-me nesse universo, em reagir às palavras do outro (as reações podem variar infinitamente), a começar pela minha assimilação delas (durante o andamento do processo do domínio original da fala), para terminar pela assimilação das riquezas da cultura humana.

ENUNCIADO, DISCURSO, TEXTO, COMPETÊNCIAS.

Os interlocutores de um enunciado têm em comum um discurso sobre o mundo interior e exterior. Um **discurso** é um **enunciado** ou um conjunto de enunciados ditos ou escritos por alguém na direção de um destinatário. Uma **seqüência de enunciados** marcada pelo **encadeamento de sentido** entre eles – pela **coerência** – **constitui um texto**.

■ O **discurso**, quando produzido, manifesta-se linguisticamente por meio de enunciados e textos.

Todo ser humano desenvolve uma aptidão para traduzir e interpretar enunciados, em consonância com as múltiplas e várias situações da vida: é a chamada **competência comunicativa**, própria da natureza humana. **Competência** envolve um **saber** e um **fazer integrados**. Essa **aptidão**, por si só, entretanto, não é bastante para assegurar a nossa participação numa atividade verbal.

Ela envolve, de um lado, um número considerável de **conhecimentos sobre o mundo**; de outro, **o domínio da língua**.

Segundo Dominique Maingueneau (1996) são três as grandes instâncias que intervêm na atividade verbal, na sua dupla dimensão de produção e interpretação de enunciados:

- Conhecimento do mundo,
- Domínio da língua;
- Aptidão para inscrever-se no mundo por meio da língua.

À **competência enciclopédica** e à **competência linguística** associa-se, ainda, no desempenho da comunicação, o **domínio dos gêneros** ou **tipos de discurso**.

Sua competência comunicativa eficaz exige, assim, que você seja, no mínimo, três vezes competente:

- Saber o que comunicar;
- Conhecer o código língua;
- Familiarizar-se com os tipos ou gêneros do discurso de que se pode valer.

Normalmente, o que se tem a dizer traduz-se por meio das **palavras de uma língua** devidamente organizadas. Dá para entender que uma **frase** é uma das possibilidades de concretização do **enunciado**.

- “Os gatos miam.”

É um **enunciado**, quando você entende essa sequência de palavras numa situação dada, que envolve interlocutores; é uma **frase**, se essa sequência de palavras é entendida como uma forma de manifestação linguística em que é possível reconhecer regras de encadeamento fono-mórfico-sintático-semântico.

- *“Cada qual é livre para dizer o que quer, mas sob a condição de ser compreendido por aquele a quem se dirija. A linguagem é comunicação, e nada é comunicado se o discurso não é compreendido. Toda mensagem deve ser inteligível.”*

- Jean Cohen (1949-), linguista francês.

Escrever é uma **atividade discursiva**, em que cada enunciado é um elo de cadeia muito complexa de outros enunciados resultado do fluxo da comunicação verbal, em que o próprio locutor é o respondente e pressupõe além da existência da língua, a presença de tantos outros enunciados, sejam do próprio autor ou de outro. (BAKHTIN, 2010).

Nesse sentido, de uma orientação tradicional marcada pela **assimetria** entre os pares, a aprendizagem de produção de textos começa a voltar-se para a **construção conjunta de conhecimentos**.

 **Assimetria:** a não interação entre os pares, falta de sintonia.

A aprendizagem da escrita passa a ser vista como um processo que se realiza com a **participação ativa do outro**.

Assim, o **texto escrito**, enquanto atividade significativa constitui uma forma de relação dialógica que ultrapassa as meras relações linguísticas. É, portanto, uma **unidade discursiva significativa**, que tem articulações com outras esferas de valores.

Qualquer usuário da língua quando produz um **texto** faz uso de uma linguagem social, pertencente a um grupo social particular e para isso faz uso, de **gêneros textuais ou discursivos**, conforme a esfera de produção da linguagem.

A atividade de **escrever um gênero textual** - carta, artigo científico - TCC, tese, entre outros -, para muitas pessoas pode ser uma experiência agradável, mas para outras pode ser muito difícil, conflitante e momento de muita tensão. (GARCEZ, 2008)

Toda pessoa que escreve está inscrita numa prática social, em que deve escolher o que, como, onde, quando e por que vai produzir um **gênero textual**.

Produzir um **gênero** só é possível quando temos razões para escrever, quando sabemos para quem devemos escrever e para onde vai nossa escrita.

Exercício recomendado: Para compreender o processo da escrita e como ele se dá, recomendamos um filme que traduz essa inquietação vivida por aqueles que usam a escrita. Nem mesmo William Shakespeare conseguiu se livrar dessa angústia, pelo menos na ficção cinematográfica. Ao assistir “Shakespeare apaixonado” poderemos constatar que escrever não é mesmo uma questão apenas de inspiração

Garcez (2008) diz ser comum os alunos confirmarem a dificuldade que sentem para produzir um texto, que escrever é tarefa complexa e que só alguns nascem com esse dom. Afirma que esses equívocos são cristalizados em verdadeiros “mitos que cercam o ato de escrever”, sendo mais devastadores os que levam alguém a acreditar que escrever é: um dom; um ato espontâneo que não exige empenho; uma questão que se resolve com “dicas”; um ato isolado; algo desnecessário do mundo moderno; um ato desvinculado das práticas sociais. Não é verdade!

Escrever é:

- uma habilidade que pode ser desenvolvida e não um dom que poucas pessoas têm;
- um ato que exige empenho e trabalho e não um fenômeno espontâneo;
- exige estudo sério e não é uma competência que se forma com algumas “dicas”;
- uma prática que se articula com a prática da leitura;
- necessário no mundo moderno;
- um ato vinculado a práticas sociais.

Escrever só faz sentido se houver espaço para isso na vida pessoa ou social. Trata-se, pois, de um entendimento de que a escrita tem uma função social e de que é necessário se reconhecer o uso significativo dessa prática.

Segundo Bakhtin (2010) toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém como pelo fato de que se dirige a alguém.

Tomando esse processo na construção social do conhecimento, a **produção de textos** deve ser vista como uma atividade que requer a participação conjunta de duas ou mais pessoas, interagindo na busca de uma mesma finalidade, pois uma escrita na visão interacionista supõe “encontro, parceria, envolvimento entre sujeitos, para que aconteça a comunhão de ideias, das informações e das intenções pretendidas” (ANTUNES, 2003)

Quando produzimos um texto, produzimos para alguém, estamos em interação com outra pessoa, um leitor, embora nem sempre presente no ato da escrita.

Geraldi (2003) argumenta que por mais ingênuo que possa parecer, para produzir um texto (em qualquer modalidade) é preciso que:

- se tenha o que dizer;
- se tenha uma razão para dizer o que se tem a dizer;
- se tenha para quem dizer o que se tem a dizer;
- o locutor se constitua como tal, enquanto sujeito que diz o que para quem diz;
- se escolham as estratégias a realizar.

Portanto, usar a **escrita** é muito mais do que o domínio dos códigos de um sistema linguístico; é fazer uso social de um instrumento cultural e ideológico que permite ao sujeito refletir, elaborar o conhecimento e tomar consciência ideológica de si e do mundo que o rodeia. É, antes de tudo, fazer-se lido e ler, compreender, responder, perguntar ou argumentar. É usar uma língua que carrega consigo valores, entonações, estilos, gêneros e discursos.

Como diz Bakhtin (2010) “todo discurso é orientado para a resposta”. Assim o **discurso é sempre um diálogo vivo** que se constitui “pelo que já foi dito e pelo que ainda não foi dito” e está sempre orientado para um social, para uma resposta, para uma compreensão e uma variedade de vozes, que se encontra em uma época, cultura ou grupo social.

Produzir um texto é trilhar os percursos dos discursos *já ditos, os não ditos e aqueles que ainda estão por dizer*, evidenciando o grande embate dialógico de duas palavras ou de dois enunciados.

E essa produção se dá por meio da escrita de **gêneros textuais ou discursivos**, imbricados em uma rede discursiva que os institui, como modos particulares de enunciar (ARCOVERDE, 2004)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS DO MÓDULO I

ANTUNES, I. **Aula de português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola, 2003.

ARCOVERDE, R.D. de L. A escrita numa perspectiva enunciativo-discursiva. In: **Os surdos em contexto digital: o encontro com a palavra escrita em Língua Portuguesa**. Tese de Doutorado. LAEL/PUC-SP, 2004, p. 54-75

BAKHTIN, M.M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 5 ed 2010.

_____ **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. São Paulo: UNESP, 1979.

FÁVERO, L.L.; KOCH, I. **Linguística textual: introdução**. São Paulo: Cortez, 1983.

GARCEZ, L.H.C. **Técnicas de Redação: o que é preciso saber para bem escrever**. 2 ed, 2ª tiragem. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

GERALDI, J.W. **Portos de passagem**. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

KOCH, I,G.V. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2003.

MAINGUENEAU, D. Les termes clés de l'analyse du discours. Paris: Seuil, 1996./ **Termos chave da análise do discurso**. Belo Horizonte: UFMG, 1996.

MÓDULO II

COERÊNCIA E COESÃO

OS DISCURSOS E SEUS ELEMENTOS

Ao nos pronunciarmos sobre os fatos que presenciamos ou vivemos produzimos algum efeito sobre as outras pessoas, que também se manifestam, produzindo efeito sobre nós. Aprendemos com a fala alheia, compreendemos o outro e nos (re) conhecemos. Ou entramos em conflito. E todas essas ações se concretizam na e pela **linguagem**.

São os **nossos discursos** e os **discursos do outro**, que se concretizam nos **textos** e se cruzam o tempo todo.

Exercício recomendado:

TECENDO A MANHÃ

João Cabral de Melo Neto (2008)

Um galo sozinho não tece uma manhã:
ele precisará sempre de outros galos.
De um que apanhe esse grito que ele
e o lance a outro; de um outro galo
que apanhe o grito que um galo antes
e o lance a outro; e de outros galos
que com muitos outros galos se cruzem
e os fios do sol de seus gritos de galo,
para que a manhã, desde uma teia tênue,
se vá tecendo, entre todos os galos.

E se encorpando em tela, entre todos,
se erguendo tenda, onde entrem todos,
se entretendendo para todos, no toldo
(a manhã) que plana livre de armação.
A manhã, toldo de um tecido tão aéreo
que, tecido, se eleva por si: luz balão.

Questões:

- a. Nesse poema, João Cabral de Melo Neto cria a imagem da manhã que surge. Essa imagem é construída, num primeiro nível, a partir de duas palavras: galo e grito.
 1. Explique a escolha dessas palavras.
 2. Os gritos dos galos se associam a quê?

- b. Na segunda estrofe, quando a manhã é plena, que palavras a traduzem, completando essa imagem?
- c. Mas o poema não se tece apenas com essas palavras... Portanto não é apenas isso que o poeta deseja dizer. Vejamos alguns significados do verbo tecer.
 - 1. Entrelaçar regularmente os fios.
 - 2. Fazer (teia ou tecido) com fios; urdir, tramar, trava
 - 3. Compor, entrelaçando; trançar
 - 4. Preparar, engendrar, armar, urdir (“tecer intrigas”)
 - 5. Fazer aparecer; produzir, gerar, engendrar, formar
 - 6. Coordenar, compor
- a) Que sentidos são possíveis no texto?
- b) Qual o mais plausível, por quê?
- d. “Um galo sozinho não tece uma manhã: / ele precisa sempre de outros galos”.
Nesses primeiros versos, o poeta Lana a ideia de trabalho construído coletivamente: um trabalho solidário. No texto, essa ideia se concretiza num certo tipo de construção de frase. Indique-a e justifique sua resposta.
- e. Esse tecido, que é a manhã, transforma-se conforme vai se tecendo.
 - 1. Que palavras mostram essa transformação.
 - 2. Quais seus significados e que conotações elas adquirem no texto?
- f. Tendo em vista a leitura feita nesta atividade, analise os dois versos finais do poema.
- g. Que leituras podemos fazer da palavra “galo” no poema?
- h. Provavelmente você tenha precisado ler o texto muitas vezes para chegar aos sentidos a que chegou
 - 1. Esses sentidos estavam claros desde o início? O que o (a) levou a “descobri-los”?
 - 2. O poema somente transmitiu os significados a que chegamos porque o poeta os disse desse modo e não de outro. Em outras palavras: não se pode separar um significado da forma que se usa para transmiti-lo.

O TEXTO: SENTIDOS QUE SE CONSTROEM

A atividade com a **linguagem** é um trabalho e, como tal, se elabora, se constrói e se cria a todo o momento. Assim como o galo que apanha um grito e o lança a outro, que o apanha e o lança a outro, para tecer a manhã, nós também **tecemos** todos os dias esse trabalho que é a **linguagem**.

Construímos um repertório constituído de **palavras, concepções, tipos de texto** (e as situações em que podem ser utilizados) e o ampliamos continuamente com os textos alheios. Impossível passar ileso por um texto

como “Tecendo a manhã”, por exemplo. Alguma (ou muita) coisa incorporamos à nossa própria vivência e, inevitavelmente transmitimos a outros.

Os **textos** fazem circular as ideias e as maneiras de construir essas ideias. Evidentemente, poucos são os textos com esse nível de elaboração. Para chegar a seus significados, precisamos lançar mão de conhecimentos prévios e estabelecer relações cujas pistas o próprio texto oferece em sua superfície.

■ Chamamos de **superfície do texto** a parte sensível, a que se lê ou se ouve constituída pelas **palavras**.

Como sabemos, as palavras são portadoras de **significados**; seus referentes são a realidade exterior ou interior. Os significados que descobrimos nos **textos** fazem parte de uma estrutura profunda: é como se eles se escondessem por baixo das palavras e dissessem muito mais do que aparentam dizer.

Poderíamos dizer que “**Tecendo a manhã**” é um texto cujos significados **implícitos** são mais profundos e extensos do que aqueles que se mostram claramente. E, nesse caso, a participação do leitor é fundamental.

TEXTO E DISCURSO

Os **textos** cujos significados se mostram de forma mais clara (principalmente os não literários) também são frutos de uma elaboração - a trama, os fios, os sujeitos que os teceram – e por isso o leitor precisa atuar sobre eles. Em qualquer situação, é impossível desligar o **plano da expressão** do **plano do significado**.

O encontro do **que se quer dizer** (plano do conteúdo) com o **como dizer** (plano da expressão) constitui o que chamamos **discurso**.

■ O **texto** é a manifestação concreta e individual das ideias que circulam entre os indivíduos.

Segundo Fiorin (2005) o texto é unicamente um lugar de manipulação consciente, em que o homem organiza, da melhor maneira possível, os elementos de expressão que estão a sua disposição para veicular seu discurso. O texto é, pois, individual, enquanto o discurso é social.

Assim, João Cabral de Melo Neto particulariza a ideia do trabalho solidário e coletivo (este é o seu discurso) em seu poema “Tecendo a manhã” (o seu texto).

Para isso, ele escolhe os elementos de expressão que estão a sua disposição [o vocabulário da língua, as combinações sonoras, as figuras de linguagem, a estrutura poética, etc.] para veicular seu discurso, que é o encontro do conteúdo veiculado com a forma de expressá-lo.

A INTENSÃO DO PRODUTOR DE TEXTO

Como se pode perceber, há diferentes níveis de elaboração, que resultam em **diferentes tipos de textos**: aqueles que permitem uma única interpretação e aqueles que permitem várias interpretações.

Esse fato está ligado à situação em que se diz algo e a finalidade com que se diz.

Se eu quero dar uma ordem ou transmitir um conceito, não posso construir um **enunciado** que permita dupla interpretação. Se, no entanto, desejo criticar um determinado dado da realidade ou expressar sentimentos em relação a ela, eu posso construir um texto que reflita as ambiguidades dessa mesma realidade.

E então temos outro componente importante na construção dos textos: **a intenção**. Quem **produz o texto** usa determinados recursos com a intenção de produzir determinados efeitos. Foi o que vimos no “**Tecendo a manhã**”, e agora no “**Tudo é o olhar**”.

Leia o texto; depois, leia-o de baixo para cima.

TUDO É O OLHAR¹
Não te amo mais.
Estarei mentindo dizendo que
Ainda te quero como sempre quis.
Tenho certeza que
Nada foi em vão.
Sinto dentro de mim que
Você não significa nada.
Não poderia dizer jamais que
Alimento um grande amor.
Sinto cada vez mais que
Já te esqueci!
E jamais usarei a frase
eu te amo!
Sinto, mas tenho que dizer a verdade
É tarde demais...

Numa conversa, do lado de lá do sujeito que fala há um sujeito que ouve e atribui significados (compreende, formula hipóteses, antecipa, retruca, corrige, modifica etc.)

Do lado de lá de um **texto escrito** também há um **sujeito-leitor** que atribui significados e interage com o texto. Isso significa que **todo texto** tem um **interlocutor**. Ou seja, ele é dirigido a alguém e na sua presença se constitui. Esses interlocutores, em situação de **fala** ou de **escrita**, utilizam a modalidade da língua mais adequada à comunicação. Todo falante tem certo conceito sobre que **linguagem** usar, dependendo da situação em que se encontre. Por isso notamos que a **linguagem** é desenvolvida quando o sujeito tem o domínio da situação e, ao contrário, ele se cala ou se inibe se esse domínio não existe.

O **interlocutor** e a **situação** determinam o **tipo de texto** e de **linguagem** que o sujeito utiliza.

¹ O "poema" acima é um apócrifo, sua verdadeira autoria é desconhecida. Fonte: educação.uol

A compreensão do **texto** dito, ou escrito, muitas vezes se dá por causa dos **elementos situacionais** que o cercam.

OS IMPLÍCITOS

Outro traço importante do ato de comunicação é a **economia**.

■ A **economia** é a propriedade pela qual podemos usar um mínimo de palavras sem que isso prejudique o ato comunicativo, porque há uma situação que o sustenta. Algumas palavras são ditas, outras ficam subentendidas, sem prejuízo do significado.

Existe também o **implícito** propriamente dito: é o significado subjacente, aquele que não se diz, mas se sabe. A **situação** nos indica esse **significado**.

Um texto não é uma sucessão de palavras ou frases isoladas. O que lhe confere **inteligibilidade** é o fato de as ideias serem expostas progressivamente. **Palavras** se relacionam com **palavras**, **frases** com outras **frases**, **parágrafos** com outros **parágrafos**.

Certos instrumentos gramaticais, como os **conectivos**, têm a função específica de estabelecer relações de sentido entre segmentos textuais, por isso são fundamentais para conferir **coesão ao texto**.

■ **Coesão** é a conexão linguística que permite a amarração das ideias.

Na organização do **texto**, as palavras amontoadas ganham sentido pelas relações de dependência que estabelecem entre si. Assim, o esqueleto gramatical sustenta o **texto** como um **todo significativo**.

A **coesão** faz uso dos **conectivos**, ou **elementos de coesão**, que permitem a ligação das partes do texto. Gramaticalmente, esses **elementos de coesão** são classificados como **pronomes**, **preposições**, **advérbios**, **conjunções**.

Eles ligam palavras, orações, frases, parágrafos, ao longo do texto, estabelecendo diferentes tipos de relações.

A **seleção vocabular**, ou seja, a escolha de termos garante outra relação linguística muito importante: a **alusão** a ideias ou termos antecedentes para evitar a redundância, a repetição, sem que se perca o sentido.

Toda essa manipulação da **linguagem** para tornar o **texto articulado** garante as relações de **sentido** entre os segmentos textuais. O valor semântico do texto é determinado pelas relações de sentido marcadas pela existência de **coesão**.

COERÊNCIA TEXTUAL

A **coerência** diz respeito ao encadeamento organizado e lógico das ideias do texto. Ela decorre da harmonia estabelecida entre as significações, evitando, assim, as contradições.

A **coerência**, como a **coesão**, é uma qualidade básica da **textualidade**, mas, enquanto a **coesão** se refere às ligações da **superfície textual**, sintáticas e pragmáticas, a **coerência** está relacionada à **continuidade de sentidos no texto**, realizada implicitamente por uma **conexão cognitiva** entre elementos do texto.

- A **coerência** é a base de sentido dos textos.

OS FATORES DE COERÊNCIA

- **O conhecimento linguístico:** é o conhecimento das estruturas gramaticais e do significado das palavras.

Na verdade, esse conhecimento é necessário, mas pode não ser suficiente, para que um texto seja coerente.

- **O conhecimento do mundo:** estes podem ser de diferentes tipos: os frames, os esquemas, os planos e os esquemas textuais.

O conhecimento prévio do mundo nos permite ler o texto, relacionar seus elementos por meio de inferências, dar continuidade de sentido aos segmentos textuais, etc. Corresponde à soma de todos os nossos conhecimentos adquiridos à medida que vivemos e que são armazenados em blocos, denominados modelos cognitivos.

■ **O conhecimento partilhado:** Como emissor e receptor possuem obrigatoriamente conhecimentos de quantidades e qualidades diferentes, é necessário que um texto, para ser coerente, se fundamente numa base sólida de conhecimentos comuns entre os dois. Quando o conhecimento não é partilhado, o texto necessita de muitas explicitações, as quais se tornam redundantes, em caso contrário. Assim, para que um texto seja adequado é necessário um perfeito equilíbrio entre informações novas e informações conhecidas.

■ **As inferências:** Referem-se aos conhecimentos que não estavam expressos, mas que podem ser deduzidos a partir do que é dito.

■ **Situcionalidade:** Refere-se ao conjunto de elementos situacionais que servem para dar coerência ao texto: os participantes do ato comunicativo – quem são, qual a sua relação hierárquica, onde estão etc. - , o momento da enunciação, o local etc.

■ **Os fatores de contextualização:** São todos aqueles que relacionam o texto a uma situação comunicativa determinada.

Por exemplo, se lemos na capa de um livro que ali estão agrupados **contos de fada**, não serão incoerentes uma série de dados que são absurdos no mundo real.

■ **A informatividade:** Diz respeito à quantidade de informações presentes num texto e que está intimamente relacionada à presunção do emissor sobre o receptor.

Se eu sou um jornalista responsável por uma coluna especializada em crítica cinematográfica é natural que considere meus leitores, de certo modo, informados sobre os temas que abordo o que pode fazer com que alguns

menos preparados nesse campo de conhecimento, venham a não compreender perfeitamente o que digo. Caso contrário, posso chegar a “ofender” meus leitores, dando-lhes informações óbvias, o que tornaria o texto **redundante** e, por isso mesmo, **pouco coerente**.

■ **Focalização:** Refere-se ao modo de ver específico de determinado conhecimento.

Assim, se um pintor vai a um jogo de futebol, certamente vai ver plasticamente o espetáculo – os movimentos dos jogadores, as cores, a luz etc. -, ao passo que um locutor o observará sob o ponto de vista esportivo.

■ **A intertextualidade:** Prende-se ao conhecimento prévio de outros textos, tanto no que diz respeito à forma, quanto ao conteúdo. Na forma, pode aparecer como citações, paráfrases ou paródias; no caso do conteúdo, a intertextualidade é uma constante já que todos os textos dialogam uns com os outros.

■ **A intencionalidade e a aceitabilidade:** A intencionalidade está ligada, por parte do emissor, a todos os meios de que ele lança mão no sentido de atingir seus objetivos; já a aceitabilidade, no caso do receptor, está ligada à sua capacidade de atribuir coerência ao texto.

■ **A consistência e a relevância:** A consistência se prende ao fato de que todos os dados textuais devem estar relacionados de forma consistente entre si, de modo a não haver contradição possível; já a relevância se liga ao fato de que os enunciados devem estar ligados ao mesmo tema.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS DO MÓDULO II

CARNEIRO, Agostinho Dias. **Redação em construção:** a escrita do texto. São Paulo: Moderna, 2001.

FIORIN, J. L. **Linguagem e ideologia.** Série Princípios, São Paulo: Ática, 2005.

MELO NETO, J. C. Tecendo a manhã. In: **Educação pela Pedra.** 1 ed. lançamento. Rio de Janeiro: Selo Alfaguara da Editora Objetiva, 2008.

MÓDULO III

DESCRIÇÃO E NARRAÇÃO

Em qualquer lugar onde haja linguagem, atividade humana, há **gêneros textuais** ou **discursivos**. Há uma multiplicidade deles, desde o supermercado onde fazemos nossa listinha, até uma dissertação de mestrado, passando pelo TCC e chegando à tese de doutorado nos defrontamos com vários deles.

A denominação de **gênero discursivo** é apresentada pela primeira vez pelo autor russo Mikhail Bakhtin (1985-1975) como “tipos relativamente estáveis de enunciados”.

Os **gêneros** que circulam em diferentes esferas refletem o conjunto possível de temas e de relações nas formas e estilos de dizer e de enunciar.

■ “Os estudos que Mikhail Bakhtin desenvolveu sobre os gêneros discursivos considerando não a classificação das espécies, mas o dialogismo do processo comunicativo estão inseridos no campo dessa emergência. Aqui as relações interativas são processos produtivos de linguagem. Conseqüentemente, gêneros e discursos passam a ser focalizados como esferas de uso de linguagem verbal ou da comunicação fundada na palavra.” (MACHADO, 2005).

Nesse contexto, o **enunciado** constitui a unidade fundamental da língua e está sempre inscrito nas relações sociais, incorpora o estilo, composição e tema. Esses aspectos são indissolúvelmente vinculados e se concretizam em forma de **gêneros**, sejam de esferas cotidianas - **gêneros primários**-, ou de esferas mais complexas, formais e públicas - **gêneros secundários**.

■ **Gêneros primários:** simples, se constituem em circunstâncias da vida cotidiana.

■ **Gêneros secundários:** aparecem em circunstâncias de uma comunicação cultural mais complexa e relativamente mais evoluída, principalmente escrita.

É por meio da noção de **produção de gêneros textuais ou discursivos** que percebemos o papel social da linguagem. Conhecer e valorizar a diversidade de gêneros existentes permite ao usuário da língua, identificar seus aspectos principais e produzir textos orais ou escritos em condições específicas.

Segundo Carneiro (2001), o primeiro passo no entendimento dos textos é o reconhecimento de seu **modo de organização discursiva** e, conseqüentemente, das características peculiares a cada um deles.

Vamos tomar o exemplo dado pelo professor Agostinho Dias Carneiro, em seu livro, “Redação em Construção”, para exemplificar os três modos de organização discursiva que abordaremos nessa apostila. Como exemplo, teremos três textos, todos construídos a partir da sugestão de um quando de Vincent Van Gogh², chamado “*O quarto de Vincent em Arles*”.

TEXTO 1

O quarto estava localizado na parte velha de Paris. Não era grande nem luxuoso, mas tinha tudo aquilo de que o artista necessitava naquele momento de sua vida: uma cama-beliche, duas cadeiras e uma mesa, sobre a qual ficava uma bacia e uma jarra d’água. Uma grande janela envidraçada iluminava fartamente o aposento, deixando sobre o assoalho de tábua corrida um rastro de luz. Nas paredes ao lado da cama havia dois quadros e algumas fotografias que lembravam ao pintor a sua origem.

TEXTO 2

Van Gogh viajou para Paris no final de dezembro e no início de janeiro alugou o quarto onde iria morar por longo tempo. Logo que lhe foi permitido ocupar o aposento, para lá transportou seus poucos pertences, especialmente alguns quadros e fotografias. Em seguida instalou o cavalete de pintura ao pé da janela, por onde entrava a luminosidade necessária e começou imediatamente a pintar, certo do sucesso que, no entanto, iria tardar muito.

TEXTO 3

O fato de viver longe de casa pode ter contribuído para uma maior disposição artística do pintor. De fato, a história pessoal dos grandes artistas parece relacionar certa dose de sofrimento à maior capacidade de produção: assim foi com Camões, Cervantes, Dante e muitos outros. A alegria, ao contrário, parece estéril, não leva a derivativos. Van Gogh certamente transportou a saudade e a solidão para as telas que pintou em seu quarto de Paris.

² Vincent Van Gogh (1853-1890), Holandês, Pintor Expressionista.

- No texto um o observador apreende o quarto de Van Gogh num determinado momento de tempo, fornecendo dele alguns elementos (não todos) a fim de identificá-lo, localizá-lo e qualificá-lo.
- No texto dois o mesmo quarto é visto por um narrador em sucessivos momentos de tempo.
- No texto três ocorre uma discussão atemporalizada sobre a influência da dor na criação artística.

Temos, respectivamente, nos três textos, exemplos dos três **modos de organização discursiva**:

Descritivo – texto um

Narrativo – texto dois

Dissertativo – texto três

Um **texto**, porém, raramente apresenta-se em estado puro, ou seja, totalmente pertencente a um só **modo de organização discursiva**; na maioria das vezes, sua classificação se faz pela predominância de sequências de um tipo sobre os demais.

É preciso não confundir **modo de organização discursiva** (descritivo, narrativo e dissertativo) com **tipos de textos**: enquanto os modos estão ligados à estrutura básica do texto, particularmente na sua relação das coisas com o tempo, os tipos textuais se prendem à sua função básica, ou seja, à sua declarada finalidade.

Ainda de acordo com Carneiro (2001), um texto combina um modo de organização discursiva com um tipo ou função:

TEXTO	FUNÇÃO	MODELOS
normativo	regulamentar	leis, portarias, regulamentos, estatutos
informativo	informar	notícias, avisos, comunicados, bulas
didático	ensinar	livros escolares, conferências
fático	relacionar-se	correspondência, cumprimentos
divinatório	prever	horóscopos, oráculos
exortativo	convencer	requerimentos, textos publicitários
expressivo	expressar-se	diários, confissões

Todas as visões mostradas estão dentro de uma **visão interativa dos textos**, ou seja, relacionadas de forma direta com a realidade, representando uma **comunicação discursiva imediata**.

Há, porém, outra função além da de **atuar** (tipos dados): é a função de **criar**; de comunicação cultural mais complexa, mais desenvolvida e organizada quanto à escrita ligada ao que denominamos de **textos literários**.

Não há uma oposição entre os dois modelos e sua caracterização é feita pela função predominante: assim, um romance se filia à função criativa; um texto publicitário relaciona-se à função atuacional.

MODO DESCRITIVO

- Agente – observador.
- Conteúdo - seres, objetos, cenas, processos.
- Tempo - momento único.
- Objetivo - identificar, localizar e qualificar.
- Classe de palavras - substantivos e adjetivos.
- Tempos verbais - presente ou imperfeito do indicativo.

Toda **descrição** parte de um dos sentidos corporais: visão, audição, paladar, tato e olfato.

As descrições servem para nomear ou identificar, localizar (ou situar) ou, ainda, especificar um objeto. Podem ser técnicas (científicas) ou literárias; ser genéricas (gerais) ou específicas (detalhadas).

A identificação, um dos tipos de descrição, pode se basear em aspectos físicos, psicológicos, de comportamento etc.

- Descrever, de certa forma, é situar o objeto no tempo e no espaço.

Há três técnicas descritivas: a descrição pictórica, em que o observador e o objeto estão imóveis; a descrição topográfica, em que o objeto está imóvel e o observador está em movimento; e a descrição cinematográfica, em que o observador e objeto estão em movimento. (CARNEIRO, 2001).

■ Descrever é tentar retratar algo por meio de palavras.

ELEMENTOS DA DESCRIÇÃO:

■ Elementos fundamentais: um observador; um tema-núcleo (objeto, ser animado ou inanimado, um processo); um conjunto de dados pertinentes ao tema-núcleo selecionado.

Descrever é dar elementos, não todos os elementos constituintes do tema-núcleo, e sim uma seleção desses elementos, realizada segundo os objetivos da própria descrição.

OBJETIVOS DA DESCRIÇÃO:

■ Extratextuais: por exemplo, uma receita de bolo.
 ■ Intratextuais: Uma informação sobre um personagem que pode ser importante no desenrolar de uma trama narrativa.

De qualquer modo, a seleção de dados se prende ao princípio da pertinência, ou seja, uma informação dada traz consigo a expectativa de alguma utilidade textual.

Técnicas descritivas: na descrição de um referente qualquer, o texto descritivo segue, prioritariamente, a direção da esquerda para a direita e do alto para baixo. Isso ocorre porque seguimos, na observação do mundo, o mesmo processo de leitura, ou seja: **vemos o mundo como o lemos.**

Ao descrevermos uma pessoa, começamos por sua cabeça e podemos chegar aos pés; numa paisagem, do plano mais alto para o mais baixo, e assim por diante, salvo casos de interesse específico, como no texto “Galochas” de Fernando Sabino (1923-2004), em que o narrador, que saiu de casa calçando galochas, vê o tempo mudar e descobre-se ridículo no centro da cidade, em pleno dia de sol: ele procura em vão, outras pessoas que estejam de galochas e, para isso, só têm olhos para os pés dos transeuntes.

■ “Vi passar ao meu lado os sapatos brancos de um homem pernosticamente vestido de branco. Nem tanto ao mar nem tanto à terra, pensei. Saíra depois da chuva, certamente.”

Exercício recomendado

Texto “**Galochas**” de Fernando Sabino (1962)

E como ontem estivesse chovendo, tive a infeliz ideia, ao sair à rua, de calçar um velho par de galochas. Já me desacostumara delas, e me sentia a carregar nos pés algo pesado, viscoso e desagradável, dando patadas no chão como um escafandrista de asfalto. Ainda assim, não deixavam de ser, em tempos de chuva, a única proteção efetiva para o sapato.

Mas quem disse que chovia? No centro da cidade um sol radioso varava as nuvens e caía sobre a rua, enchendo tudo de luz, fazendo evaporar as últimas poças de água que ainda pudessem justificar minhas galochas. E elas de súbito se tornaram para mim tão anacrônicas, como se eu estivesse de fraque, cartola e gravata plastron.

“É que não se usa galocha há mais de vinte anos“, advertia-me uma irônica voz interior. Desconsolado, parei e olhei em volta. Naquela festa de sol, em plena Esplanada do Castelo, quem é que iria estar de galochas, além de mim? Vi passar a meu lado os sapatos brancos de um homem pernosticamente vestido de branco. Nem tanto ao mar nem tanto à terra, pensei. Saíra depois da chuva, certamente. Veio-me a desagradável impressão de que todo mundo reparava nas minhas galochas.

Galochas – mas que coisa mais antiga, meu Deus do céu! – descobri de súbito; como não pensar nisso ao calçá-las? Artefatos de borracha – e concluí idiotamente: hoje em dia tudo é de matéria plástica, ninguém fala mais em capa de borracha – existirão galochas de plástico? Como fazem os pelintras de hoje para não molhar os pés nos dias de chuva?

No restaurante, onde entrei arrastando os cascos como um dromedário, resolvi-me ver livre das galochas. Depois de acomodar-me, descalcei-as,

procurando não chamar a atenção dos outros fregueses, deixei-as debaixo da mesa.

Ao sair, porém, o garçom, solícito, me advertiu em voz alta, lá do fundo:

- O senhor está esquecendo suas galochas!

Humilhado, voltei para apanhá-las, e sem ligar mais para nada, saí com elas na mão.

Agora estão lá, abandonadas numa das gavetas de minha mesa de trabalho, despojos de um mundo extinto. Um dia me serão úteis, quando eu for, como diz o poeta, suficientemente velho para merecê-las.

GLOSSÁRIO

Escafandrista: mergulhador que usa escafandro;

Anacrônicas: confusão de data, fora do tempo;

Plastron: gravata larga;

Pernóstico: presunçoso;

Pelintras: pessoa mal trajada que tem pretensões a sobressair.

INTERPRETAÇÃO DO TEXTO “GALOCHAS” de Fernando Sabino

1. E como ontem estivesse chovendo, tive a infeliz ideia, ao sair à rua, de calçar um velho par de galochas.

a) Entramos de imediato em uma narração, cujo personagem central é o próprio narrador. Que elementos da estrutura narrativa já estão presentes nesse primeiro segmento: o quê? quem? onde? quando? como? por quê?

b) Nesse primeiro segmento ocorre uma antecipação, que certamente será explicada seguir. Qual?

c) Qual a diferença entre **velho par** e **par velho**?

d) Qual a diferença entre **sair à rua** e **sair para a rua**?

e) Qual será o elemento mais importante da narrativa? Justifique a resposta.

2. Já me desacostumara delas, e me sentia a carregar nos pés algo pesado, viscoso e desagradável, dando patadas no chão como um escafandrista de asfalto. Ainda assim, não deixavam de ser, em tempos de chuva, a única proteção efetiva para o sapato.

a) Que termos desse segmento transmitem uma sensação negativa em relação às galochas?

b) Qual o significado de viscoso?

c) Qual a sensação transmitida pelo narrador ao usar a expressão **escafandrista de asfalto**?

d) Pense bem e responda se o adjetivo **desagradável** está bem empregado. Por quê?

3. Mas quem disse que chovia? No centro da cidade um sol radioso varava as nuvens e caía sobre a rua, enchendo tudo de luz, fazendo evaporar as últimas poças de água que ainda pudessem justificar minhas galochas. E elas de súbito se tornaram para mim tão anacrônicas, como se eu estivesse de fraque, cartola e gravata plastron.

- a) Explique a aparente contradição entre “E como ontem estivesse chovendo...” e “Mas quem disse que chovia?”.
- b) A linguagem utilizada para o sol é derivada da usada em referência à chuva. Sublinhe na questão 3 as passagens que o comprovam.
- c) Qual o significado de **anacrônicas**?
4. “É que não se usa galocha há mais de vinte anos”, advertia-me uma irônica voz interior. Desconsolado, parei e olhei em volta.
- a) Por que o narrador usou aspas?
- b) A voz interior era de advertência e irônica. Leia a frase inicial segundo tais indicações.
- c) Para que o personagem olhou em volta?
5. Naquela festa de sol, em plena Esplanada do Castelo, quem é que iria estar de galochas, além de mim? Vi passar a meu lado os sapatos brancos de um homem pernosticamente vestido de branco. Nem tanto ao mar nem tanto à terra, pensei. Saíra depois da chuva, certamente. Veio-me a desagradável impressão de que todo mundo reparava nas minhas galochas.
- a) Qual o sentido de **plena** em “... plena Esplanada do Castelo”?
- b) Como o narrador notou o homem de branco? Por quê?
- c) Por que a cor branca da roupa incomodou tanto o narrador?
- d) Qual o sentido do ditado “nem tanto ao mar nem tanto à terra” no contexto desse segmento?
6. Galochas – mas que coisa mais antiga, meu Deus do céu! – descobri de súbito; como não pensar nisso ao calçá-las? Artefatos de borracha – e concluí idiotamente: hoje em dia tudo é de matéria plástica, ninguém fala mais em capa de borracha – existirão galochas de plástico? Como fazem os pelintras de hoje para não molhar os pés nos dias de chuva?
- a) O narrador diz que a galocha é uma “coisa antiga”. Seria o mesmo que dizer velha?
- b) Que palavras marcam o espanto do narrador diante do fato de estar usando galochas?
- c) Por que a conclusão do narrador é idiota?
- d) Qual o significado do vocábulo pelintra?
- e) Como fazem os pelintras de hoje para não molhar os pés nos dias de chuva?
7. No restaurante, onde entrei arrastando os cascos como um dromedário, resolvi-me ver livre das galochas.
- a) Nas questões 2 e 7, o narrador atribui a si mesmo ações de animais. Quais são elas?
8. Depois de acomodar-me, descalcei-as, procurando não chamar a atenção dos outros fregueses, deixei-as debaixo da mesa.
Ao sair, porém, o garçom, solícito, me advertiu em voz alta, lá do fundo:
- O senhor está esquecendo suas galochas!
- a) Que termo desse segmento ganha valor irônico?
- b) Que elementos do texto servem para agravar a vergonha do narrador?
9. Humilhado, voltei para apanhá-las, e sem ligar mais para nada, saí com elas na mão.
Agora estão lá, abandonadas numa das gavetas de minha mesa de trabalho, despojos de um mundo extinto. Um dia me serão úteis, quando eu for, como diz o poeta, suficientemente velho para merecê-las.
- a) Indique o sentido de **despojos** e justifique o uso desse vocábulo.

A **Descrição** apresenta uma **gramática** muito particular: frases nominais – descrevemos o mundo das coisas – falamos como as coisas são; adjetivos ganham expressividade; períodos curtos; a comparação como recurso – uso constante do conectivo como -; não trabalha a sucessão temporal; verbos no presente ou no pretérito imperfeito.

TEXTO NARRATIVO

- Agente – narrador.
- Conteúdo ações ou acontecimentos.
- Tempo- sucessão.
- Objetivo – relatar.
- Classe de palavras – verbos, advérbios e conjunções temporais.
- Tempos verbais – presente ou perfeito do indicativo.

“Um cão, que carregava um pedaço de carne na boca, enquanto atravessava um rio, viu seu reflexo na água. Julgou de imediato, que outro cão levava outro pedaço de carne maior do que o seu. Por isso, largou o que possuía e tentou pegar o outro, acabando por ficar sem alimento.” Adaptação da Fábula de Esopo³.

- Uma fábula é um tipo de narrativa com preocupações moralizantes cujos personagens são animais humanizados.

Mas o que faz com que esse texto seja considerado um exemplo de um modo de organização discursiva denominado **narrativo**?

CARACTERÍSTICAS DA NARRATIVA:

A classificação de um **texto** como **narrativo** está ligada a uma série de características:

- Sucessão cronológica de ações;
- Diferença de estados;
- Causalidade

³ Esopo (620 a.C. - 564 a.C.) foi um escritor da Grécia Antiga a quem são atribuídas várias fábulas populares.

- Personagens
- Integração de ações

Toda narrativa apresenta **sucessão de ações** e, como toda sucessão envolve passagem de tempo, podemos dizer que toda narrativa se apoia numa **sucessão cronológica de ações**.

Na fábula “O cão e a carne” as ações que se sucedem são:

- Primeira ação – o cão viu seu reflexo na água.
- Segunda ação – o cão julgou o outro pedaço de carne maior do que o seu.
- Terceira ação – o cão largou o seu pedaço de carne.
- Quarta ação – o cão tentou pegar o outro pedaço.
- Quinta ação - o cão fica sem alimento.

Primeiro devemos determinar qual é o **fato narrativo inicial**.

Na fábula lida, não dissemos que a primeira ação narrativa era a do cão segurar um pedaço de carne nem a de atravessar um rio, ainda que os dois processos sejam ações, mas por estarem no imperfeito, essas ações não são vistas como fatos narrativos, mas sim descritivos (são, inclusive, ações simultâneas e não sucessivas).

O **fato narrativo inicial** é identificado pelo uso do **pretérito perfeito do indicativo** (algumas vezes pelo presente: viu seu reflexo na água)

Toda narrativa implica uma **diferença** entre **estados do mundo** ou **situações**, ou seja, a ocorrência de ações é verificada por meio de diferenças de estado.

Se ao entrarmos em nosso apartamento vemos que se encontra completamente revirado, deduzimos que algo ocorreu entre o momento que saímos de casa (estado inicial) e aquele em que chegamos (estado final).

Assim ocorreu na fábula: o fato do cachorro ter a carne e perdê-la implica a ocorrência de ações intermediárias entre esses dois estados.

A mudança de estados é marcada por uma visão positiva (euforia) ou negativa (disforia). No caso da fábula do cão, ocorreu a passagem de um estado de euforia (posse da carne) para um de disforia (perda do alimento).

Toda narrativa apresenta uma **causalidade narrativa da intriga**: o fato de o cão ver um pedaço de carne na boca de outro cão imaginário é a causa de desejar ter o outro pedaço, que lhe parece bem maior que o seu.

Essa relação entre as ações tanto pode apresentar-se claramente como causa/consequência, caso da narrativa clássica, de que é exemplo a fábula, e como uma relação inesperada, misteriosa.

Toda narrativa deve apresentar uma **integração de ações**.

Portanto, cada ação, deve participar de uma unidade maior, de tal modo, como diz Aristóteles (384-322 a.C.- filósofo grego), que “se uma é deslocada ou suprimida, o todo torna-se confuso.” Uma ação cuja junção às demais ou supressão não apresenta consequências certamente não faz parte de um todo.

Já sabemos que a **narrativa** é caracterizada, entre outras marcas, pela **sucessão cronológica das ações**.

 O **tempo na narrativa** é o período que assinala o percurso cronológico (tempo de um acontecimento) que vai do início ao fim da história.

O **tempo cronológico** ou **histórico** é marcado pelo ritmo do relógio.

É o tempo objetivo, visível ao leitor através da história, obediente a uma cronologia histórica definida. Os fatos se apresentam no presente e no passado (este por meio da técnica do flashback).

Tempo psicológico ou **metafísico**, não obedece à cronologia, não mantém relação com o tempo cuja passagem é alheia a nossa vontade. O tempo psicológico transcorre no interior de cada personagem. São as emoções e reflexões dos personagens.

“O ficcionista é o senhor do espaço e do tempo em que a própria vida humana se realiza. Em um dia de leitura podemos viver anos e anos da existência das personagens de uma ficção.”

João Gaspar Simões
 “Ensaio sobre a criação no Romance”

Exercício recomendado: inserir as marcas do tempo no texto “O pássaro de ouro”, adaptação do conto dos irmãos Grimm⁴ por Ana Maria Machado⁵

..... havia um rei que tinha um jardim lindo nos fundos do castelo. Nesse jardim havia uma árvore que dava maçãs de ouro. as maçãs amadureciam, eram contadas., de um dia para o outro, estava faltando uma. Foram contar ao rei e ele deu ordens para que alguém ficasse.....embaixo da árvore, vigiando.

O rei tinha três filhos. caiu a noite, ele mandou o mais velho para o jardim. Mas,, o rapaz não aguentou de sono e dormiu. estava faltando outra maçã., o segundo filho foi quem ficou de guarda. Mas não vigiou melhor que o irmão. o relógio deu as doze badaladas, ele adormeceu., mais uma maçã faltava.

.....chegou a vez do terceiro filho montar guarda. E ele bem que queria cumprir sua missão. Só que o rei não fazia muita fé nele, e tinha certeza de que ia ele se dar mal, que ele ia ser muito pior que os irmãos. Mas acabou dando permissão. O rapaz deitou debaixo da árvore, ficou tomando conta e espantou o sono.o relógio bateu doze vezes, alguma coisa veio farfalhando pelo ar. À luz da lua ele viu que era um pássaro com penas de puro ouro. O pássaro pousou de leve na árvore e já tinha tirado a mação rapaz disparou uma flecha em direção a ele. O pássaro fugiu, mas a flecha o atingiu de raspão e uma das penas de ouro caiu no chão. O rapaz a apanhou e,, levando-a ao rei, contou tudo o que tinha acontecido.....

A **Narração** é um relato centrado num fato ou acontecimento; há personagem (ns) atuando e um narrador que relata a ação. É um tipo de **texto** marcado pela **temporalidade**, ou seja, como o seu material é o **fato** e a **ação** que envolve personagens, a progressão temporal é essencial para o seu desenrolar: a ação direciona-se para um conflito que requer uma solução, que permite se concluir, que se chegará a uma nova situação. Portanto, a sucessão de acontecimentos leva a uma transformação, a uma mudança, e a trama que se constrói com os

⁴ Jacob (1785-1863) e Wilhem (1786-1859), dois irmãos alemães, poetas e escritores, que se dedicaram às fábulas infantis.

⁵ Ana Maria Machado. (1941-) carioca e uma das mais versáteis e completas das escritoras brasileiras contemporâneas.

elementos do **conflito** desenvolve-se necessariamente numa **linha de tempo** e num **determinado espaço**.

“Um pastor que conduzia seu rebanho pela beira do mar notou a calmaria das águas e resolveu navegar para fazer comércio. Após vender parte de seus cordeiros, comprou tâmaras e partiu de volta para casa. Uma forte tempestade o apanhou no caminho de volta e, temeroso de que o barco afundasse, jogou toda a carga no mar e conseguiu salvar-se.” Esopo.

Nessa pequena história, **o percurso narrativo** se realiza em cinco fases.

- Primeira: apresentação de um estado inicial – o pastor conduz seu rebanho;
- Segunda: a fase da manipulação, em que um elemento age sobre outro com determinado objetivo- a calmaria das águas levou o pastor a querer vender seu rebanho;
- Terceira: a fase da competência, em que o elemento manipulado adquire certo conhecimento ou capacidade – o pastor pode sair para vender seu rebanho;
- Quarta: a fase do desempenho, em que se realiza a transformação de estados que vimos na primeira fase – o pastor vende seu rebanho;
- Quinta: a fase da sansão, em que se constata que foi realizada o desempenho e quando pode eventualmente ocorrer a presença de prêmios e castigos – o pastor fica sem os cordeiros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS DO MÓDULO III

CARNEIRO, A. D. **Redação em construção**: a escrita do texto. São Paulo: Moderna, 2001.

MACHADO, I. Gêneros discursivos. In: BRAIT, B (org) **Bakhtin**: conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2005.

SABINO, F. **Quadrante 2**. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1962.

MÓDULO IV

DISSERTAÇÃO E PARÁGRAFO

Para começo de conversa: dissertar tem um por que!

Enquanto os **textos narrativos** se apoiam numa sequência cronológica de ações e os **textos descritivos** têm por base a identificação, caracterização ou localização de objetos, seres ou processos num determinado momento de tempo, os **textos dissertativos** fundamentam-se em ideias, consideradas fora do tempo, em seus valores, ainda que possam estar situadas em algum momento histórico ou fictício.

TEXTO DISSERTATIVO

- Agente: argumentado.
- Conteúdo: opiniões, argumento.
- Tempo: ausência.
- Objetivo: discutir, informar, expor.
- Classe de palavras: conectores.
- Tempo verbal: presente do indicativo.

Os textos dissertativos apresentam dois modelos básicos:

- O **expositivo** que apresenta um tema.
- O **argumentativo** que propõe uma tese e desenvolve argumentos para comprová-la.

Tese: do grego '*thesis*' ato de por, proposição. Proposição que se expõe para ser defendida; ponto de vista a ser defendido.

O **texto dissertativo** se caracteriza pela defesa de uma ideia, de um ponto de vista ou pelo questionamento acerca de um determinado assunto.

Tem como características:

- Ser temático;
- Mostrar mudanças de situação;
- Ter encadeamento lógico;
- Progredir textualmente a partir do estabelecimento de relações de analogia, pertinência, causalidade, consequência, correspondência, explicação, finalidade;

■ Utiliza o verbo no tempo presente, com valor atemporal.

Vamos recordar:

■ **analogia**: baseia-se na semelhança entre ideias ou coisas, procurando explicar o desconhecido pelo conhecido, o estranho pelo familiar.

A analogia é uma semelhança parcial que sugere uma semelhança oculta, mais completa. Por exemplo: Sol tão quente que é como uma enorme bola incandescente.

Legitimamente, só os **fatos** ou **fenômenos físicos** têm **causas** ; os **atos** ou **atitudes** praticados ou assumidos pelo homem têm **razões** , **motivos** ou **explicações** . Os primeiros têm **efeitos** , e os segundos, **consequências** .

É certo que a palavra “causa” se emprega também para explicar outros fatos que não apenas os da área das ciências exatas, naturais ou físico-químicas.

Diz-se:

■ “quais as consequências ou resultados de algum ato praticado” (e não quais os efeitos);

Assim como, se dirá:

■ “qual o motivo ou razão de sua atitude” (e não, qual a causa).

O TEXTO ARGUMENTATIVO

O **texto argumentativo** caracteriza-se pela presença de um **argumentador** , que, diante de um tema polêmico, apresenta uma **tese** , apoiada em **argumentos** a fim de convencer um público-alvo.

Argumentador > tema > tese > argumentos > público-alvo.

■ **Argumentar** é o processo de chegar a conclusões;

■ **Persuadir** é o ato de convencer os demais a aceitarem essas conclusões.

A DISSERTAÇÃO ARGUMENTATIVA CONSISTE EM:

- ✓ Reunir dados e expô-los apoiados em razões convincentes;
- ✓ Partir de assuntos polêmicos, encadeando ideias por meio de argumentos;
- ✓ Solucionar ideias favoráveis ou contrárias; focalizando o assunto proposto e procurando resolvê-lo por meio de análise valorativa;
- ✓ Explorar a capacidade argumentativa.

COMO ARGUMENTAR?

- ✓ Recebido o tema, bombardeie-o com perguntas – Por quê? (qual é a causa) Para quê? (com que finalidade) - Como? (de que modo);
- ✓ Organize as informações que tem sobre o assunto;
- ✓ Exponha seu ponto de vista de forma simples e clara, concordando ou não com o tema proposto;
- ✓ Procure obter duas ou três respostas para cada questão formulada;
- ✓ Esclareça o porquê de tal ou qual resposta (argumento principal);
- ✓ Indique outros motivos que ajudem a defender o seu ponto de vista (argumento auxiliar).

■ O que é argumentar? A palavra argumentar tem sua origem na palavra grega “arg” que significa luz, força, brilho. *Fiat Lux*: faça-se a luz!

■ Onde há luz, há força. **Argumentar** significa dar força necessária à sua **palavra** para que ela convença o outro.

TEXTO ARGUMENTATIVO

- Enunciador - argumentador;
- Enunciatário;
- Tese;
- Argumentos.

ENUNCIADOR - ARGUMENTADOR

É a pessoa responsável pelos **argumentos** apresentados no **texto** e só tem direito à fala em quatro situações:

- ✓ Quando possui credibilidade;
- ✓ Quando tem autoridade;
- ✓ Quando está no exercício de um direito;
- ✓ Ou de um dever.

Exemplo de argumento de autoridade:

- ✓ **Albert Einstein** (1879-1955) - Alemanha - Teoria da Relatividade.

Todas essas condições são, no entanto, **condições textuais** e não reais: uma pessoa pode atribuir-se autoridade, mesmo que não a possua, assim como pode simular situações de direito à fala, atribuir-se credibilidade ou considerar-se em situação de dever argumentar.

O ENUNCIATÁRIO

O **enunciatário** é o destinatário a ser convencido > auditório particular ou universal. O destino da **mensagem argumentativa** é fruto de uma suposição do argumentador, que estrutura sua mensagem e seus argumentos em função dessa suposição – a de que há uma possibilidade de alguém ser convencido de algo.

TESE

Asserção (afirmação) questionável, de cuja validade o argumentador pretende **persuadir** seu auditório. Pode ser formulada no início, no meio, no final; estar diluída, implícita ou, até mesmo no título:

- ✓ “Meu time é o melhor”;

ARGUMENTOS

Os **argumentos** em que se apoia a **tese** podem ser fruto da experiência pessoal do **argumentador**, testemunhos de autoridade, evidências ou julgamentos (inferências deduzidas dos fatos). Em outras palavras, nossos

argumentos são sustentados por dados, exemplos, experiências pessoais ou conhecimentos alheios a que atribuímos valor indiscutível.

São as razões do conhecimento, podem ocupar uma linha ou vários parágrafos:

“A vida é bela, pois o amor existe.”

TESE E ARGUMENTOS

- ✓ Sem tese não há argumentação.
- ✓ A tese é sempre uma asserção questionável.

INDAGAÇÃO E IMPERATIVOS NÃO CONSTITUEM ASSERÇÕES

“O fogo queima”. Não constitui uma tese, pois não é questionável.

- Uma asserção pode ser afirmativa ou negativa; falsa ou verdadeira.
- “Mulher (não) deve trabalhar fora.” É uma tese, porque precisa ser demonstrada. Exige uma tomada de posição.

Para verificar se há **uma tese**, usa-se o teste do **porque /portanto**:

- Ex: João será aprovado no concurso público (tese), porque estudou muito (argumento).
- Ex: João estudou muito (argumento), portanto será aprovado no concurso público (tese).

OS ARGUMENTOS E SEUS MARCADORES

- **Conjunções coordenativas adversativas:** mas, porém, todavia, contudo, entretanto, no entanto.

Introduzem restrições, sempre favoráveis à tese do argumentador.

- **Conjunções coordenativas conclusivas:** logo, portanto, por conseguinte, pois (entre vírgulas, após o verbo da oração causal).

Encerram as teses.

■ **Conjunções coordenativas explicativas e/ou conjunções subordinativas causais:** que, porque, porquanto, visto que, haja vista que, já que, uma vez que, pois (antes do verbo).

Expressam argumentos.

■ **Conjunções subordinativas concessivas:** embora, ainda que, mesmo que, apesar de, conquanto.

Exprimem **concessões**, isto é, argumentos favoráveis ao adversário, mas minimizados por alguma restrição. São argumentos contrários à tese do argumentador. Este os aceita, concede, estrategicamente.

A **concessão** é a presença da **voz do outro** debatedor dentro do **texto** do argumentador, por deferência deste. É ceder um palmo para conquistar um metro. É o **raciocínio dialético**.

Exemplo: Estamos no verão (concessão), mas vamos para a serra (restrição), portanto é necessário levar agasalhos (conclusão – tese).

PARTES DA DISSERTAÇÃO

INTRODUÇÃO:

Primeiro parágrafo – (com “n”ideias) é a ideia núcleo para a qual convergirão todas as demais a fim de fundamentá-la. Deve ser clara, precisa e preparatória.

■ “A felicidade é a conquista de um patamar de consciência que nos induz no fluido amoroso da vida.”

DESENVOLVIMENTO:

“N”parágrafos (tantos parágrafos quantas forem as ideias da introdução).

Cada parágrafo desenvolve totalmente uma ideia, que não será mais retomada. Os parágrafos de desenvolvimento ligam-se por elementos de coesão. É a parte do texto em que se organizam as ideias. Cada ideia ou argumento constitui um parágrafo.

■ “É compreender que recebemos essa existência para aprender e não para exigir o que queremos que ocorra. Nossa evolução depende das atitudes que tomamos diante de cada acontecimento. A garra em nos ajustarmos às leis da vida permite que alcancemos a transformação que nos conduz à felicidade.”

CONCLUSÃO:

Remete a tudo o que foi dito; reafirma o tema; expressa uma observação pessoal. Deve estar em consonância com a tese proposta na introdução.

■ Isso está inteiramente em nossas mãos, em nosso coração.”
Seiji Yokoyama - “O que é a felicidade”.

Por suas características, o **texto dissertativo** requer uma linguagem mais sóbria, denotativa, sem rodeios (afinal, convence-se o leitor pela força dos argumentos, não pelo cansaço); daí ser preferível o **uso da terceira pessoa** (caracterizando a **dissertação objetiva**).

Dependendo do **tema** e da abordagem, pode predominar a intuição, a sensibilidade do autor ou mesmo testemunhos de caráter pessoal; nesse caso, prevalece a **primeira pessoa** (caracterizando a **dissertação subjetiva**).

A **dissertação** não apresenta uma progressão temporal; os conceitos são genéricos, abstratos e, em geral, não se prendem a situação de tempo e espaço. Por isso o emprego de **verbos no presente**.

A **dissertação** trabalha com o período composto (normalmente, por subordinação), com o encadeamento de ideias; nesse tipo de construção, o **correto emprego dos conectivos** é fundamental para obter-se um texto claro, coeso e elegante.

TEXTO DISSERTATIVO

PRODUÇÃO DE TEXTO

O **texto dissertativo**, além de demonstrar nosso ponto de vista sobre um determinado assunto, serve para expormos um **problema**, mostrando os fatores que desencadeiam esse problema, quais são as consequências decorrentes dele e de que maneira é possível resolvê-lo.

Sendo assim, antes de escrevermos, é muito útil fazermos um levantamento das causas, consequências e soluções para o **problema** sobre o qual **dissertamos**.

■ Antes de tudo é preciso escolher o tema sobre o qual vamos escrever.

Como exemplo, vamos eleger o tema **desemprego**.

■ Definido o tema, faça uma lista das palavras-chave relacionadas a ele.

É possível fazer isso a partir de uma técnica chamada *brainstorm* ou “tempestade cerebral”. Ela consiste em reunir todas as ideias que forem surgindo relacionadas ao assunto em questão.

■ **Desemprego**: crise econômica; recessão; qualidade de vida; estresse; depressão; crise familiar; movimentos emigratórios; problemas sociais; pessoas desmotivadas subemprego.

Faça um **esquema**, levantando as **causas** e as **consequências** do **problema**, bem como as possíveis soluções.

■ **Causas do desemprego**: crescimento populacional maior que crescimento econômico; crise econômica interna não atrai os investidores de capital estrangeiro; progresso industrial crescente: máquinas substituem mão de obra humana; má distribuição dos recursos econômicos; exploração ineficiente dos recursos naturais do país; ausência de alternativas de trabalho; crise econômica mundial.

■ **Consequências do desemprego:** lesão dos direitos humanos; queda na qualidade de vida da população; aumento de subempregos; aumento da pobreza da população; crescimento da criminalidade; famílias desestruturadas; aumento de doenças como infarto, estresse, depressão; jovens deixam os estudos para procurar trabalho e assim ajudar na renda da família.

■ **Soluções para o desemprego:** o governo precisa lançar um plano econômico que viabilize a criação de empregos; é preciso que haja um melhor aproveitamento dos recursos disponíveis do país como o turismo, a agricultura, a piscicultura; a criação de cooperativas de trabalho pode ser uma boa alternativa para contornar a crise.

Já com as ideias listadas, o próximo passo é elaborar a **ideia central**:

“O mundo mudou. A vida mudou. E com essas mudanças surge um dos maiores flagelos da sociedade moderna: o desemprego.” (ideia central).

Pronta a ideia central, é só desenvolvê-la, escrevendo o **primeiro parágrafo, seguido dos demais**. Para isso, as ideias levantadas serão úteis. Não é necessário, porém, utilizar todas essas ideias. Elas devem ser empregadas de acordo com o desenvolvimento do texto.

“O mundo mudou. A vida mudou. E com essas mudanças, surge um dos maiores flagelos da sociedade moderna: o desemprego. Diante de uma sociedade em transformação, empregos que antes existiam hoje estão extintos ou quase extintos em função de um novo modelo de sociedade de consumo.”
Introdução/ Ideia central

“Nas duas últimas décadas, tivemos no Brasil um crescimento populacional maior que o crescimento econômico. Assim, o mercado de trabalho não consegue absorver os recursos humanos disponíveis. Com o processo de industrialização que tem se instaurado, a mão de obra humana é constantemente substituída por máquinas. Em consequência, as estatísticas incham com um número cada vez maior de desempregados ou subempregados. Sem uma fonte de renda, as pessoas têm a qualidade de vida comprometida, pois não conseguem suprir suas necessidades básicas, como moradia, alimentação, saúde e educação.”
Desenvolvimento / Causas e consequências

“Essa situação acaba lesando os direitos humanos, visto que a pobreza é inevitável na maioria dos casos. A fome, não raras às vezes, leva o indivíduo a procurar meios ilícitos para sobreviver, o que acaba agravando o quadro de criminalidade já existente no país.

Ter um diploma também já não é mais sinônimo de garantia de trabalho. Diante desse quadro, os jovens acabam se desmotivando em prosseguir os estudos, isso quando não os abandonam para trabalhar em subempregos que venham auxiliar na renda familiar.”

Desenvolvimento /Causas e consequência

“A solução para diminuir o número de pessoas desempregadas seria a implantação de planos econômicos que viabilizassem a criação e a manutenção de empregos. Um melhor aproveitamento de nossos recursos naturais, bem como a criação de cooperativas de trabalho poderiam também colaborar com o abrandamento desse gravíssimo problema.” Conclusão / Soluções

O PARÁGRAFO - O TÓPICO FRASAL

Um dos aspectos mais importantes da **composição textual** é a **estruturação do parágrafo**.

Embora cada autor tenha seu modo particular de desenvolver suas ideias e as dispor em parágrafos, vamos expor algumas regras gerais que, apesar de não serem aplicadas a todos os tipos de parágrafos, servem à estruturação de um tipo de parágrafo ideal.

O **parágrafo** obedece a uma lógica maior, a de ser, inegavelmente, **produto** e **produtor** de encadeamento das ideias de um **texto**. Ele se desenvolve em torno e a partir de um núcleo central (uma ideia, uma paisagem, um acontecimento) e permite ao leitor entrever o desenrolar das ideias que o texto carrega consigo.

Portanto, cada **parágrafo**, tem um **núcleo**. Sua extensão pode variar bastante, tanto por opção de estilo, de efeito, quanto por melhor adequação à sua ideia central.

Há **parágrafos** de duas páginas e aqueles de apenas uma linha.

Os **textos** estão lá, com suas paragrafações próprias, e nós, leitores, tentando entendê-las e justificá-las. O objetivo aqui é bem claro:

■ Analisar o texto do outro é um exercício para o nosso ato de escrever.

Ouvir o que um **texto** fala, atentando para as nuances de tom, timbre, intensidade, duração, repetição, é condição de qualquer análise. Pouca diferença faz se o **texto é acadêmico**, jornalístico, poético pedagógico, etc. Porque, no mais das vezes, os textos de real valor são muitas dessas coisas ao mesmo tempo. Temos que aprender a ler além dos rótulos!

Na estrutura da **dissertação**, os parágrafos desempenham papel extremamente relevante. Portanto, é fundamental refletir sobre eles.

■ “O parágrafo é uma unidade de composição, constituída por um ou mais de um período, em que se desenvolve determinada ideia central, ou nuclear, a que se agregam outras, secundárias, intimamente relacionadas pelo sentido e logicamente decorrente dela.”
Oton Garcia, em “Comunicação em prosa moderna”

Essa definição não se aplica a todo tipo de parágrafo: trata-se de um modelo denominado **parágrafo padrão**, que, por ser cultivado por bons escritores modernos, o aluno poderá e até deverá imitar.

Exemplos:

■ “A arte (...) é tudo o que pode causar uma emoção estética (tópico frasal), tudo que é capaz de emocionar suavemente a nossa sensibilidade; ...”.

“A arte (...) é tudo o que pode causar uma emoção estética, tudo que é capaz de emocionar suavemente a nossa sensibilidade, dando a volúpia do sonho e da harmonia, fazendo pensar em coisas vagas e transparentes, mas iluminadas e amplas como o firmamento, dando-nos a visão de uma realidade mais alta e mais perfeita, transportando-nos a um mundo novo, onde se aclara todo o mistério e se desfaz toda a sombra, e onde a própria dor se justifica como revelação ou pressentimento de uma volúpia sagrada. É, em conclusão, a energia criadora do ideal.”

Faria Brito, em Nova antologia brasileira.

O autor, por meio de certos detalhes, consegue dar-nos uma ideia suficientemente clara do que ele considera como **emoção estética**, parte da declaração geral contida no **tópico frasal**.

QUALIDADES DO PARÁGRAFO

As principais qualidades do **parágrafo** são, de modo geral, as mesmas da **frase**: unidade, coerência e ênfase.

A **correção gramatical** é, sem dúvida, uma das mais importantes qualidades do **estilo**. Mas nem sempre a mais importante: uma composição pode estar absolutamente correta do ponto de vista gramatical e revelar-se absolutamente inaproveitável.

■ Isoladamente, **unidade** e **coerência** têm características próprias, mas quase sempre a falta de uma resulta na ausência da outra.

■ A unidade pode ser conseguida graças ao expediente do **tópico frasal**;

■ A coerência depende principalmente de uma **ordem adequada** e do emprego oportuno de: conjunções, advérbios, locuções adverbiais, certas palavras denotativas e dos pronomes.

Unidade: uma só ideia predominante;

Coerência: relação entre essa ideia predominante e as secundárias;

Ênfase: a ideia predominante não apenas aparece sob a forma de oração principal, mas também se coloca em posição de relevo, por estar no fim ou próximo ao fim do período-parágrafo.

ALGUMAS OBSERVAÇÕES

✓ O que determina a **extensão do parágrafo** é a **unidade temática**, já que **cada ideia** central deve corresponder a **um parágrafo**, por isso poder-se-á encontrar parágrafos longos e outros de uma linha apenas.

✓ As **dissertações** solicitadas em exames costumam ser estruturadas em quatro ou cinco parágrafos (um para a introdução, dois ou três para o desenvolvimento e um para a conclusão). É claro que essa divisão não é absoluta.

Mas é **fundamental** que se perceba o seguinte: a **divisão da dissertação em parágrafos** (cada um correspondendo a uma determinada ideia que nele se desenvolve) tem a função de facilitar a **produção do texto**, de estruturá-lo

coerentemente, bem como possibilitar a quem lê uma melhor **compreensão do texto** em sua totalidade.

O PARÁGRAFO DISSERTATIVO

Ao produzirmos um **texto**, costumamos dividi-lo em **parágrafos**.

O **texto dissertativo** costuma ser composto por uma média de três a cinco parágrafos compreendendo: introdução, desenvolvimento e conclusão.

Esse número, no entanto, pode sofrer variações.

O **parágrafo dissertativo** costuma apresentar a mesma estrutura, ou seja, uma ideia central, o desenvolvimento dessa ideia e uma conclusão referente a ela.

Exercício recomendado:

“A televisão brasileira presta culto à frivolidade. A sociedade desenhada nas novelas é um convite à transgressão. A exaltação do sucesso sem balizas éticas, a trivialização da violência e a apresentação de aberrações num clima de normalidade têm transformado adolescentes em aspirantes à contravenção. A televisão precisa receber um choque de responsabilidade ética.”

Carlos Alberto di Franco. “A TV precisa de um choque”. Em: Revista Veja, 1996.

Questões:

Qual é a ideia central desse parágrafo?

Quais ideias formam o desenvolvimento?

Com que ideia o parágrafo é concluído?

Exercício recomendado em aula:

Você é o autor: Você irá **escrever** um **texto dissertativo**.

- Escolha um **tema** que seja de seu interesse e faça o levantamento de **ideias** sobre ele.
- **Pesquise** em revistas, jornais, livros, Internet.

Você **escreve para alguém**.

- Seu **destinatário** será alguém que possa se interessar pelo assunto tratado.

Você **escreve com um objetivo**.

- Seu **objetivo** será o de apresentar em um **texto** um problema social, explicitando causas, consequências e possíveis soluções.

Refletindo sobre a produção.

- **Reavalie** seu texto antes de passá-lo a limpo, a fim de torná-lo ainda melhor. Para isso, observe os pontos a seguir.
- O texto está organizado em **parágrafos**?
- O desenvolvimento do texto está de acordo com a **ideia central**?
- Apresentei causas e consequências do **problema** em questão?
- Na **conclusão**, houve uma **revisão** para corrigir os possíveis erros gramaticais e ortográficos?
- O texto possui um **título**?
- Ele está **adequado** ao assunto tratado?

E por falar em **título**, em qualquer **texto** que produzimos é importante elaborarmos um título. A finalidade do **título** é basicamente chamar a atenção do leitor, despertando nele o desejo por **ler o texto**.

Alguns critérios são necessários no momento de se escrever um **título**:

- ✓ ele não deve ser grafado entre aspas;
- ✓ apenas a primeira letra da primeira palavra que o compõe é que deve ser escrita em maiúscula, a menos que haja nomes próprios em sua composição.

Determinados **títulos** são mais diretos, constituindo uma espécie de **resumo do texto**. Outros são mais sugestivos, de modo a instigar a imaginação do leitor.

- ✓ É importante não confundir **título** com **tema**.
- ✓ O **tema** permeia todo o texto.
- ✓ O **título**, na maioria dos casos, apenas **menciona** o **tema** tratado.

CONCLUSÃO

Muitos dos textos que produzimos, sejam eles escritos ou falados, são motivados pela nossa necessidade de expor um ponto de vista, defender uma ideia ou questionar algum fato: são os chamados **textos dissertativos**.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS DO MÓDULO IV

CARNEIRO, Agostinho Dias. **Redação em construção**: a escrita do texto. São Paulo: Moderna, 2001.

FÁVERO, L.L. E KOCH, I. **Linguística textual**: introdução. São Paulo: Cortez, 1983.

FIORIN, J. L. **Linguagem e ideologia**. Série Princípios, São Paulo: Ática, 2005.

GARCEZ, L.H. do C. **Técnicas de Redação**: o que é preciso saber para bem escrever. 2ª ed, 2ª tiragem. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

KOCH, I,G.V. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2003.

MACHADO, I. Gêneros discursivos. In: BRAIT, B (org) **Bakhtin**: conceitos=chave. São Paulo: Contexto, 2005

Gabaritos das questões da Apostila de Português instrumental

MÓDULO I

Mito de Penélope

Questão: qual a importância do desfazer para a tessitura?

O fiar assim como o escrever encobrem o mistério da significação. Tecer é colocado aqui como metáfora de escrever, (re) escrever, para alcançar a excelência do texto coeso.

Resenha crítica do filme “**Shakespeare apaixonado**”

Quando vemos o título do filme imaginamos que seja uma paródia com Shakespeare ou uma comédia romântica, divertida, sem nada a oferecer de novo. Entretanto, o filme é um romance estiloso, poético, bonito e principalmente eficiente. O diretor John Madden não deixa o drama cair num tom meloso, e cria uma obra encantadora, comovente. Shakespeare (Joseph Fiennes) sofre um bloqueio que o impede de escrever a sua mais nova peça, uma história de amor com fim trágico. Tudo muda quando ele se apaixona por Lady Viola (Gwyneth Paltrow) e passa a utilizar suas tentativas de seduzi-la como inspiração.

MÓDULO II

Tecendo a manhã de João Cabral de Melo Neto

1. a) O galo canta, aos primeiros raios solares, anunciando o amanhecer.
b) Associam-se a “fios de sol” (que tecem a manhã).
2. “luz balão”
3. a) O sentido 2 e o 5
b) O sentido 2, pela menção aos “fios de sol de seus gritos” que, urdidos, constituem o tecido da manhã, no sentido metafórico, é claro. Além disso, existe uma forte ideia de ação praticada pelos galos expressa pelos verbos **apanhar** e **lançar** e pela forma verbal **tecendo**, no título: o gerúndio expressa **ação em processo** (Como se trata de um texto poético e, principalmente, metafórico, a ambiguidade sempre será um componente importante. Por isso, as duas leituras se entrecruzam e se completam).
4. “De um que apanhe esse grito que ele/ e o lance a outro; de um outro galo/ que apanhe o grito que um galo antes/ e o lance a outro”- em dois momentos o poeta trunca a ideia (“De um que apanhe esse grito que ele”; “que apanhe o grito que um galo antes”) e essa incompletude sugere que um galo deixa para o outro completar o que ele iniciou. Além disso, há uma estrutura que imita uma trama, pela repetição de palavras e segmentos (que sugere repetição de ações, como no trabalho de tecer).
5. a) Teia, tela, tenda, toldo: o tecido torna-se mais espesso e toma forma.
b) **Tela**: tecido ou pano feito em tear; tela de fios finíssimos que formam uma espécie de rede elástica e que é produzida pelas aranhas; **tela**: aquilo que foi tecido; o conjunto formado pelo entrelaçamento de fios, tecido, tela, trama; **tenda**: barraca de campanha; barraca de feira; pequena mercearia, quitanda; pequena oficina de ferreiro, marceneiro, sapateiro, etc.; tipo de habitação desmontável própria dos povos nômades; **toldo**: cobertura ou peça de lona, de metal, etc., destinada principalmente a abrigar, do sol e da chuva, porta, eirado, coberta de embarcação, etc.; aquilo que encobre, protege ou resguarda.
O tecido torna-se espesso, sugerindo força e união; todas as palavras estão ligadas de alguma forma ao trabalho – resultado de ação humana ou o que serve ao trabalho – e, quando se tornam **tenda** e **toldo**, passam a significar abrigo. Há conotações, portanto, de união e proteção, reforçadas pelo jogo com as palavras “toldos” e “todos”, “entre todos” e “entrem todos” e, finalmente, “se entretendendo para todos”.
6. Resposta pessoal. Cruzam-se ao final as duas leituras. A manhã plena tem em “luz balão” a melhor tradução, pois eleva-se por si, pronta, com vida própria, depois de tecida por muitos galos. Da mesma forma, o fruto do trabalho acabado também tem vida própria e passa a existir independentemente das mãos que o produziram.
7. Duas: a própria ave que canta anunciando o nascer do dia; o homem no seu processo de produção.
8. a) Resposta pessoal. Foi preciso recorrer a conhecimentos prévios, como o significado das palavras utilizadas, das construções, e a certo conhecimento de mundo, como o fato de que os galos cantam o amanhecer. Além disso, há as questões propostas, que procuram levar o aluno a investigar um ou outro aspecto e a estabelecer relações entre os fatos; que indicam a pesquisa mais aprofundada do significado de certas palavras-chave como mais

um caminho para a busca de significados no texto. O roteiro de questões procurou mostrar que existem caminhos para abordar um texto. No caso de “Tecendo a manhã”, que é um texto poético, há o caminho da figuração – a figura do amanhecer – que pode ser desvendada na análise do campo semântico e cujos desdobramentos percebemos nas associações feitas pelo poeta e presentes no poema.

b) Resposta pessoal. Esse poema ilustra muito bem a questão, porque o plano de expressão – a escolha das palavras, a construção das imagens, a organização dos versos – está em perfeito acordo com o discurso do poeta. O jogo com as palavras faz o próprio poema tecer-se como o dia e tornar-se “luz balão” no final. É importante que o aluno perceba que a ideia está colada à forma como ela é expressa; o modo de dizer é significativo; as escolhas e a relação entre as palavras são portadoras de significados.

Módulo III

Galochas

1. Interpretação

A. 1 O quê = usar galochas;

Quem? = o narrador

Onde? = Na cidade do Rio de Janeiro

Quando? = naquela manhã

Como? = nos pés, em cima dos sapatos.

Por quê? = Porque pensava estar chovendo.

A. 2. = infeliz ideia.

A. 3. Velho par = par antigo; Par velho = muito usado, gasto pelo uso.

A. 4. Sair à rua = sair do interior para o exterior; Sair para a rua = sair com um objetivo.

A. 5. = O par de galochas. Porque toda a narrativa se constitui no fato de ele ter calçado as galochas.

B. 6. = Pesado, viscoso, desagradável, patadas no chão e escafandrista de asfalto.

B. 7. = gosmento.

B. 8. = de desconforto.

B. 9. = Desagradável é adjetivo de seres animados, nesse sentido, o personagem sentia-se humilhado com elas e alvo de olhares. As galochas foram humanizadas.

C. 10 = A adversativa “mas” introduz sempre uma oposição. Ontem chovia, mas hoje não.

C. 11. “Um sol radioso varava as nuvens e caía sobre a rua, enchendo tudo de luz.”

C. 12. = “Dando patadas no chão como um escafandrista de asfalto”. “E elas de súbito se tornaram para mim tão anacrônicas, como se eu estivesse de fraque, cartola e gravata plastron.

C. 13. = fora do tempo. Cronos = tempo.

D. 14. Aspas foram usadas por ser uma situação dialógica (diálogo), a voz interior do personagem.

D. 15. = “É que não se usa galocha há mais de vinte anos”.

D. 16. = Para se certificar que não estava sendo observado.

E. 17. = “plena Esplanada do Castelo” – no centro de um lugar populoso.

- E.18. = Pelo par de sapatos brancos. Porque ele procurava alguém de galochas.
- E.19.= Pelo contraste do branco com as galochas pretas.
- E.20. = Não precisava estar vestido de branco, extremos. (preto/branco)
- F.21.= Não,ele quis dizer “ fora de época”.
- F.22. = ... mas que coisa antiga, meu Deus do céu!
- F.23.= Ninguém fala mais em artigos de borracha!
- F.24. = pelintra = mal trajado; pretensioso.
- G.25. = (b) patadas no chão; (g) um dromedário
- H.26. = Procurando não chamar a atenção.
- H.27. = A fala do garçom.
- I.28. = Despojos: restos, sobras. Reconhecimento de uma coisa de um tempo que não volta mais. O que restou desse tempo.

O pássaro de ouro

Adaptação dos irmãos Grimm por Ana Maria Machado

Há muitos anos havia um rei que tinha um jardim lindo nos fundos do castelo. Nesse jardim havia uma árvore que dava maçãs de ouro. *Quando* as maçãs amadureciam, eram contadas. *Uma vez*, de um dia para o outro, estava faltando uma. Foram contar ao rei e ele deu ordens para que alguém ficasse *a noite* embaixo da árvore, vigiando.

O rei tinha três filhos. *Quando* caiu a noite, ele mandou o mais velho para o jardim. Mas, *à meia noite*, o rapaz não aguentou de sono e dormiu. *No dia seguinte* estava faltando outra maçã. *Na outra noite*, o segundo filho foi quem ficou de guarda. Mas não vigiou melhor que o irmão. *Quando* o relógio deu as doze badaladas, ele adormeceu. *No dia seguinte*, mais uma maçã faltava.

Então chegou a vez do terceiro filho montar guarda. E ele bem que queria cumprir sua missão. Só que o rei não fazia muita fé nele, e tinha certeza de que ia ele se dar mal, que ele ia ser muito pior que os irmãos. Mas acabou dando permissão. O rapaz deitou debaixo da árvore, ficou tomando conta e espantou o sono. *Quando* o relógio bateu doze vezes, alguma coisa veio farfalhando pelo ar. À luz da lua ele viu que era um pássaro com penas de puro ouro. O pássaro pousou de leve na árvore e já tinha tirado a maçã, *quando* o rapaz disparou uma flecha em direção a ele. O pássaro fugiu, mas a flecha o atingiu de raspão e uma das penas de ouro caiu no chão. O rapaz a apanhou e, *no dia seguinte*, levando-a ao rei, contou tudo o que tinha acontecido *durante a noite*.

